

SOBRE A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA DO PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO (1629-1724)

ABOUTH THE PRIEST ALEXANDRE DE GUSMÃO'S (1629-1724) CHILDHOOD CONCEPTION

Vanessa Freitag de Araújo¹, César de Alencar Arnaut de Toledo²

Recebido para publicação em 11/11/2007

Aceito para publicação em 25/02/2008

RESUMO

O padre Alexandre de Gusmão (1629-1724) foi uma importante liderança dos jesuítas no Brasil do século XVII e início do século XVIII. Além de textos catequéticos e sermões, legou-nos a *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, obra publicada pela primeira vez em Lisboa no ano de 1685. Escrita em meio ao clima de pujança jesuítica na educação e na catequese, a obra expressa brilhantemente a própria filosofia educacional dos jesuítas. Além disso, é a primeira obra escrita no Brasil a tratar do tema da infância. Sua visão de educação é estreitamente ligada à de religião. Para ele, o bom cuidado das crianças é indicativo dos bons costumes cristãos dos pais ou responsáveis. A análise mostra que Alexandre de Gusmão desenvolveu nessa obra um pensamento sobre civilidade, um estilo de textos voltados aos temas da educação e do cuidado das crianças e também, do cuidado-de-si, de grande profusão naquela época. O estilo, ou gênero, foi desenvolvido a partir das idéias de Erasmo de Rotterdam (1466/69-1536), especialmente a *Civilidade Pueril (De civilitate morum puerilium)*, de 1530.

Palavras-chave: Alexandre de Gusmão, Educação Jesuítica, Século XVII, Educação Brasileira.

ABSTRACT

The priest Alexandre de Gusmão (1629-1724) was an important Jesuit leadership from Brazil of 17th and 18th centuries. Over the catechetical texts and sermons, leave us the *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, book published for the first time in Lisbon in 1685. It was written in the middle of puissance climate in the education and catechetical Jesuit, the work shows brilliantly the peculiar Jesuit educational philosophy. Add to that, it is the first written work in Brazil that is

¹ Aluna de Pedagogia/UEM - Direção eletrônica: vanessa1104@gmail.com

² Prof. Dr. orientador - DFE/UEM - Direção eletrônica: caatoledo@uem.br

concern with childhood theme. His educational and religion vision are narrowly linked. Take good care of children certainly is an indicative of parents Christian manners to him. The analyses presents that Alexandre de Gusmão developed in this work a thought about civility, texts with particular styles written about educational theme, take care of children and oneself, questions of great profusion in that age. The style, or gender, was developed from Erasmus of Rotterdam's ideas (1466/69-1536), specially the *De civilitate morum puerilium*, published in 1530.

Key words: Alexandre de Gusmão, Jesuit Education, 17th century, Brazilian Education.

Introdução

Este texto pretende apresentar uma análise da filosofia educacional jesuítica, especificamente aquela dedicada para a educação e cuidados de crianças pequenas, por intermédio da obra do padre que foi considerado o primeiro e maior pedagogo do Brasil colonial, Alexandre de Gusmão. Isto porque a importância da pedagogia jesuítica para a educação nacional é um fato que não pode ser desconsiderado, tendo em vista que a Companhia de Jesus, até a data de sua expulsão em 1759, praticamente detinha o monopólio da educação no Brasil-colônia, sendo que sua influência não se resumia apenas ao campo educacional, nem somente ao Brasil. Sobre a extensão do trabalho da Companhia de Jesus, César de Alencar Arnaut de Toledo e Flávio Massami Martins Ruckstadter, afirmam:

A Companhia de Jesus exerceu uma evidente influência na formação do pensamento moderno, principalmente por meio de seu trabalho missionário e educacional. Nas terras americanas, essa influência foi ainda maior. Constituiu-se em uma das mais importantes matrizes da organização política e social em todas regiões do continente colonizadas pelos países ibéricos. A partir de tal constatação, entendemos que estudar as diversas mudanças na formação e na articulação dos modos de pensar dos padres jesuítas que aqui atuaram pode nos possibilitar uma melhor compreensão de nossa própria formação cultural, especialmente no Brasil, onde os jesuítas deram forma à primeira educação escolar. (ARNAUT DE TOLEDO e RUCKSTADTER, 2003, p. 257).

Desse modo, a análise do método jesuítico de ensino é fundamental quando se pretende discutir a educação no Brasil. No entanto, alguns aspectos dessa história não têm recebido a devida atenção, como é

o caso da concepção católica de educação para crianças pequenas, cujo principal autor é Alexandre de Gusmão (1629-1724), autor da obra *Arte de Criar bem os filhos na idade da puerícia* (1685) – que sugeria fundamentos teológicos para a boa educação de meninos e meninas e trazia conselhos práticos aos pais e mestres, em uma época em que a Igreja Católica estava sendo ameaçada pelo avanço do protestantismo, dificultando ainda mais a introdução dos ensinamentos cristãos numa sociedade escravocrata. Trata-se de uma grande contribuição para a construção do conceito de infância no Brasil.

Apenas após os estudos de Philippe Ariès, autor de escritos sobre a infância, cuja publicação de seu livro *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, de 1960 (há uma versão resumida traduzida para a língua portuguesa intitulada de *História social da criança e da família*, publicada pela primeira vez no Brasil em 1981) – obra que mostrava a descoberta da infância no período do Renascimento e do surgimento do sentimento de infância no século XVII – é que pôde ser verificado um aumento significativo no número de autores que pesquisam sobre esse tema. Assim, a história da infância é um campo pouco explorado no Brasil, pois esse avanço só ocorreu na década de 80 do século XX, com exceção de Gilberto Freyre (1900-1987), cuja obra *Casa-Grande e Senzala* – que analisa a sociedade do Brasil-colônia em seus aspectos econômicos, políticos, religiosos e sua formação patriarcal de colonização portuguesa – teve sua primeira publicação datada de 1933. O livro expõe em detalhes, entre outros aspectos, como eram os cuidados dispensados às crianças, fossem elas escravas ou não. De acordo com Freyre:

Os viajantes que aqui estiveram no século XIX são unânimes em destacar o ridículo da vida brasileira: os meninos, uns homenzinhos à força desde os nove ou dez anos. Obrigados a se comportarem como gente grande: o cabelo bem penteado, às vezes frisado à Menino Jesus; o colarinho duro; calça comprida; roupa preta; botinas pretas; o andar grave; os gestos sisudos; um ar tristonho de quem acompanha enterro. Meninos-diabos eles só eram até os dez anos. Daí em diante tornavam-se rapazes. Seu traje, o de homens feitos. Seus vícios, os de homens. (FREYRE, 1992, p. 411).

A obra de Freyre teve vasta e variada influência, no entanto, é necessário destacar que poucos estudos sobre a infância dignos de nota daí derivam. Pode-se citar os principais autores brasileiros atuais a debateram da questão a infância. Marco Cezar de Freitas e Moysés Kuhlmann Júnior, organizaram um livro intitulado *Os intelectuais da infância*, publicado em 2002. O livro possui quinze textos sobre o assunto. Mary Del Priore organizou o livro *História das crianças no Brasil*, publicado em 1999, também com quinze textos. Ambas as publicações têm o mérito de trazer à tona o tema infância focado majoritariamente no Brasil. Contudo, percebe-se que, apesar de ter sido um importante autor e sua obra ser um clássico que expressa fielmente o projeto pedagógico jesuítico e foi muito utilizada durante o século XVIII, Alexandre de Gusmão não têm sido objeto de estudo com frequência. A edição de 2004 da editora Martins Fontes, de São Paulo, do livro *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* – obra essencial desta pesquisa – preenche uma lacuna no que diz respeito à publicação de textos clássicos brasileiros sobre o tema da infância.

Contexto histórico da Companhia de Jesus

Para se compreender a obra do padre jesuíta Alexandre de Gusmão, faz-se necessário, inicialmente, entender a ordem religiosa na qual esse estava inserido, bem como o seu contexto histórico. Fundada pelo padre espanhol Santo Ignácio de Loyola (1491-1556) em 1534, embora passasse a existir oficialmente com a bula papal *Regimini Militantis Ecclesiae*, pelo papa Paulo III, em 27 de setembro de 1540, a Companhia

de Jesus surgiu no seio da Igreja Católica, com o intuito de fortalecê-la e combater o avanço do protestantismo (O'MALLEY, 2004). No Brasil, a chegada dos jesuítas é datada no ano de 1549.

No período de cisma da Igreja Católica (século XVI), devido às críticas de monges e padres sobre a moral do alto clero daquela época, destaca-se a venda de indulgências e de cargos eclesiásticos. Isso proporcionou o nascimento do protestantismo dentro da própria Igreja Católica, cujo principal líder foi o monge agostiniano alemão Martinho Lutero (1483-1546). Em 1517, Lutero expôs na porta da Igreja de Wittenberg um manifesto público (suas noventa e cinco teses), no qual denunciava a corrupção da Igreja e propunha os elementos para um novo direcionamento da Igreja de Roma. Este ato enfraqueceu ainda mais a já fragilizada Igreja, que o ameaçou de excomunhão, fazendo-o assim romper definitivamente com a Igreja Católica (LUTERO, 2000). Inserida no movimento humanista do Renascimento, a Reforma influenciou tanto de forma religiosa, cultural, econômica, política como também pedagogicamente, embora esse não tenha sido o intuito de Martinho Lutero. Para Lutero, a Reforma deveria proporcionar à Igreja o reconhecimento da distinção de poder eclesiástico e secular (Estados e Monarquias), no qual essa trabalharia em prol do povo no que fosse respectivo aos direitos divinos dos homens e do poder secular, fazendo dessa forma uma organização social e política justa.

Em relação à educação, a Reforma tinha como base o ensino das línguas, nacionais e antigas, pois somente o conhecimento das mesmas permitiria o acesso popular às Sagradas Escrituras. As escolas deveriam ser organizadas pelos seguintes preceitos: línguas, obras literárias, ciências, artes, jurisprudência e medicina, nas quais os conceitos de estudo e trabalho atuariam de forma conjunta. Sobre a questão da educação presente na obra de Martinho Lutero, César de Alencar Arnaut de Toledo conclui:

Suas referências ao tema da educação e da escola, mesmo não sendo numerosas em sua obra, são determinantes, pois para ele, a educação e a escola devem estar ligadas à religião, sendo um meio para sua difusão e manutenção. Pode-se dizer ainda de Lutero que, mesmo não tendo formulado uma teoria pedagógica própria e autônoma ou inovadora no modo de ensinar,

contribuiu, e muito, para o estabelecimento de novas bases para que a pedagogia moderna fosse construída. E ele contribuiu também para que a educação, na modernidade, passasse a se voltar para a construção da cidadania e da individualidade. Em sua obra, não encontramos uma definição específica sobre educação, mas parece evidente que sua concepção de educação, por ser instrumental, está ligada a uma prática que teria o sentido de reconstruir a religião cristã. Se não houve uma inovação conceitual, houve certamente uma renovação prática dos educadores após ele e isso possibilitou o estabelecimento de novas bases para a educação e a pedagogia na modernidade. (ARNAUT DE TOLEDO, 1999, p. 134-135).

Entre os locais em que a educação acompanhou Reforma religiosa, estão a Suíça e a Holanda, nas quais destacam-se os trabalhos de João Calvino (1509-1564), que defendia o espírito progressivo de investigação e indagação, o ensino de línguas vernáculas, conhecimento das sagradas escrituras e escolas e universidade a todos, inclusive aos pobres, e o humanista Erasmo de Rotterdam (1466/69-1536), que acreditava que a razão deveria ser cultivada, pois só através dela a humanidade se desenvolverá e que dedicou atenção especial à infância, sendo que escreveu um livro intitulado de *A Civilidade Pueril* (1530), com preceitos e regras para a boa educação, etiqueta e convivência para crianças pequenas, assim como fez Alexandre de Gusmão anos mais tarde no Brasil. Lembrando que Erasmo, apesar de vivenciar o período das Reformas e influenciar a educação da época, nunca foi protestante. Segundo Arnaut de Toledo:

No quadro de renovação da espiritualidade e da eclesiologia cristã, Erasmo desempenhou um importante papel, e sua herança tem sido disputada tanto por protestantes quanto por católicos. As várias correntes do cristianismo têm visto em Erasmo um grande precursor do Espírito da Modernidade no interior do cristianismo. A própria obra de Erasmo dá margem a tais possibilidades diferentes de apropriação de seu pensamento. No *Enchiridion militis christiani* vemos, em trechos diferentes, argumentos do próprio Erasmo a reforçar ora as teses Reformadoras, ora as teses Católicas. Nos cânones de 4 a 6, ele apelava para uma fidelidade à tradição, argumento caro aos católicos (*Opiniones Christiano dignae*) como condição para a realização pessoal dos cristãos. Por outro lado, na carta dedicatória do texto a Paul Voltz, que tem acompanhado as edições do *Enchiridion militis christiani* desde 1518, Erasmo desfiava suas maiores críticas à forma exterior

de religiosidade na Igreja que ele conhecia. Esse foi um argumento muito ao gosto dos Reformadores poucos anos depois. (ARNAUT DE TOLEDO, 2004, p. 99).

Em resposta a essa Reforma protestante, a Igreja Católica, em sua ala mais conservadora, reagiu, ficando ainda mais rígida, instaurando a Contra-Reforma. Com a eleição do papa Paulo III (1534-1549) e a convocação do Concílio de Trento (1546-1563), procurou-se manter a influência de Roma sob os príncipes católicos, alimentar a desgastada fé e a unidade da Igreja e difundir o catolicismo entre as terras recém descobertas, reafirmando sua essência doutrinária e dogmática, procurando desta forma desvencilhar-se dos ataques da Reforma (O'MALLEY, 2004).

Um dos principais instrumentos para a tentativa de conter a Reforma foi, como citado anteriormente, a ordem jesuítica, cujo papel foi essencial, pois a maioria da Europa parecia perdida para o protestantismo, quando o padre Santo Ignácio de Loyola enviou seus discípulos para as regiões onde o protestantismo mais avançava, desenvolvendo o trabalho evangelizador. As missões da Companhia de Jesus eram a catequização, pregação, confissão e a educação como meio concomitante para o homem chegar ao seu fim maior predestinado, o contato com Deus e seus ensinamentos (COSTA e MENEZES, 2005). Embora a educação foi um meio utilizado pra essa ordem missionária, esse não foi o primeiro objetivo da Companhia de Jesus. A respeito do ideal da ordem jesuítica, Arnaut de Toledo e Ruckstadter discorrem:

A ordem nasceu com um ideal missionário, mas em pouco tempo a educação que não figurava entre os principais objetivos de Inácio sobressaiu-se dentre as demais atividades que os jesuítas exerciam. Assim, inúmeros colégios foram fundados pelos jesuítas. Esses desempenharam a função de educadores de acordo com o seu método, a *Ratio Studiorum*. (ARNAUT DE TOLEDO e RUCKSTADTER, 2003, p. 258).

Considerando o difícil e limitado acesso escolar do período, a Companhia de Jesus por sua vez, criou dezenas de colégios em diversos países, nos quais, tanto noviços quanto alunos que não seguiam a vocação religiosa, estudavam. Os colégios jesuítas obtiveram lugar de destaque entre as instituições escolares e diversos homens importantes para humanidade, como por exemplo, René Descartes (1596-1650), estudaram

nessas instituições. Ainda sobre a educação jesuítica, mais especificamente sobre os colégios jesuítas, John W. O'Malley afirma:

[...] os colégios jesuítas desfrutaram de sucesso em muitas localidades, mesmo antes durante esses primeiros anos, e eles logo assumiram um proeminente lugar entre os ministérios da Companhia atribuídos a eles por Polanco em 1560. Algumas razões para o seu sucesso deveriam estar claras. Os jesuítas fundavam colégios onde antes não havia nenhum. Simplesmente ofereciam algo que parecia melhor do que suas alternativas. Como era freqüentemente verdadeiro em suas iniciativas, os jesuítas criaram relativamente poucos elementos de seu programa educacional, mas posicionavam aqueles elementos num modo e numa escala nunca feitos anteriormente. Foi a combinação, não uma característica qualquer, que distinguiu a educação oferecida pelas escolas jesuítas daquela que era oferecida em outros lugares. (O'MALLEY, 2004, p. 351).

Santo Ignácio de Loyola seguia os ideais humanistas, tomando como base os filósofos São Tomás de Aquino e Aristóteles. O ensino era essencialmente verbal, no qual havia a lição ou preleção, explicação, repetição, composição e, finalmente, a memorização dos conteúdos. Nesses colégios - de forma geral e, desde que atendessem os ideais missionários - eram ensinados: gramática, lógica, retórica, filosofia natural e moral, metafísica e teologia escolástica. O método que norteava pedagogicamente utilizado pelos jesuítas era a *Ratio Studiorum Societatis Iesu*, esboçado em 1586, publicado experimentalmente em 1591, porém, promulgado apenas em 1599. Sobre a *Ratio Studiorum*, José Maria de Paiva conclui:

Numa crítica muito sumária, podemos caracterizar a ação pedagógica dos Jesuítas como sendo perfeitamente integrada. Ela é fundada, com efeito, numa visão unívoca do homem inteiramente endereçado para Deus, mediante a Igreja Católica. Esta vocação deve realizar-se em todas as manifestações da vida humana. O *Ratio Studiorum* espelha fielmente esta univocidade de visão e, por isso, não desvincula educação de instrução, instrução de vida cristã, ciência de fé, vida profana de vida espiritual. (PAIVA, 1981, p.17).

De caráter de formação estritamente católico, a *Ratio Studiorum* orientava os educandos de forma que não se questionasse a Igreja, considerando-a como verdade absoluta, contendo rígidas regras organizativas

para serem seguidas, desde as responsabilidades de cada função exercida dentro dos estabelecimentos de ensino jesuítico a conteúdos a serem ministrados, e, essa educação se dava em ambiente rigoroso e coerente, sob severa disciplina, que, contudo poderia ser adaptado para a sua melhor aplicação nas regiões missioneiras. De acordo com Célio Juvenal Costa e Sezinando Luiz Menezes:

O *Ratio Studiorum*, que discorre sobre a formação nos colégios jesuítas e, portanto, não se refere ao período de alfabetização das crianças, prevê três graus do ensino: um elementar, chamado de curso de Artes ou Humanidades; outro de formação superior, o de Filosofia; e, por fim, o de formação profissional dos futuros padres, o curso de Teologia. Na base da formação, estavam o latim e o grego, línguas clássicas que deviam auxiliar a retórica, a rigorosa disciplina, e a emulação, ou seja, a competição entre os estudantes e entre as turmas, que era estimulada, inclusive, com sessões solenes de entrega de prêmios aos melhores. O *Ratio Studiorum* regulamentava rigorosamente os estudos nos colégios jesuítas, cujo fim principal era formação do futuro jesuíta. No entanto, não se tratava de uma sistematização tão hermética que não permitisse contemplar especificidades de regiões, nas quais não se poderiam aplicar totalmente as regras nem oferecer todos os cursos. É o caso do Brasil no período colonial. (COSTA e MENEZES, 2005, p. 32-33).

Mais especificamente, a *Ratio Studiorum* era um documento que demonstrava a hierarquia e a disciplina como fator indispensável para a aprendizagem. Este documento relativo à organização dos estudos e da espiritualidade é dedicado também para a responsabilidade das atribuições dos colégios, regendo formas de avaliação e procedimentos diversos, porém não se refere como um tratado pedagógico com teorias e metodologias de ensino. Porém, se faz necessário citar que a *Ratio Studiorum* influenciou profundamente a educação moderna e contemporânea em diversos aspectos, dos quais tomaremos como exemplo: a criação de Escolas Normais para a formação de professores e as disciplinas de prática de ensino nos cursos de licenciatura - ambas são baseadas na característica obrigatória contida no documento jesuítico, na qual os professores eram "treinados" antes de realizarem o seu ofício - e na idéia de que os professores deveriam ter uma formação superior em relação aos educandos (ARNAUT DE TOLEDO, 2000). Ainda sobre esse

documento que norteou o projeto pedagógico jesuítico e suas respectivas contribuições e influências, sejam essas no campo da política quanto no da pedagogia, Cézár de Alencar Arnaut de Toledo afirma sobre a *Ratio Studiorum*:

Dentre as grandes contribuições que os jesuítas do primeiro e segundo séculos de existência da Ordem nos deixaram, podemos indicar, certamente, a *Ratio Studiorum*... Este documento, que não pretendeu ser um tratado pedagógico, marcou indelevelmente tanto a educação quanto a pedagogia moderna, e constitui-se hoje, para nós, numa das mais importantes referências documentais da gênese do mundo moderno. Ele foi resultado de um longo, cuidadoso e amplo trabalho de planejamento da expansão jesuítica, tanto na Europa quanto nos novos mundos recém ocupados e colonizados pelos europeus no início do século XVI. (...) Sobre a *Ratio Studiorum* se pode dizer ainda que ela se constituiu num paradigma importante para a educação e para a pedagogia até o início deste século. Mesmo não tendo definido ou explicitado princípio educacional ou pedagógico, ordenou uma razão política, que é parte constituinte na formação do mundo moderno e também razão pedagógica em sua origem e justificação. Ela deve ser considerada pela dimensão de sua importância e influência e ainda pela sua duração. Uma crítica à prática política dos jesuítas deve considerar, por outro lado, sua importância para a história da educação e esse documento deve ser estudado como fonte historiográfica importante e necessária para a compreensão, inclusive de nossas práticas políticas, que são, evidentemente, pedagógicas. (ARNAUT DE TOLEDO, 2000, p. 182 e 187).

No decorrer do século XVI, ocorre na Europa uma grave crise econômica, política e religiosa. Ocasionalmente por, entre diversos outros fatores, a falta de terras para cultivo no continente e formação dos estados nacionais (absolutismo), pois somente um Estado centralizador teria condições de gerar recursos financeiros e humanos para tal empresa. Esses fatores proporcionam o expansionismo, no qual se fez necessário a busca de novos mercados fora do continente europeu. Um dos únicos reinos capazes da expansão marítima era Portugal, pois possuía desenvolvimento náutico e já encontrava-se politicamente centralizado, porém, tanto Portugal quanto a Espanha não investiram o dinheiro da expansão marítima. Nessas perspectivas, os primeiros colonizadores do Brasil vieram a mandato da Coroa Portuguesa. O sistema de colonização no Brasil era exploratório e escravocrata, que atendia o

mercado externo, cuja organização administrativa a priori eram as Capitânicas Hereditárias e, a posteriori, Portugal implantou o Governo-Geral.

Como citado anteriormente, a educação no Brasil-colônia se dava majoritariamente pelo trabalho dos jesuítas, cuja chegada se deu em nove de março do ano de 1549 (que desembarcaram na Bahia, trazidos pelo governador-geral Tomé de Souza), através da Companhia de Jesus, nove anos após a instituição da ordem. A missão jesuítica no Brasil foi a de catequizar e humanizar os índios, integrando-os ao mundo dos então chamados de civilizados, bem como eram encarregados da educação dos mandantes coloniais e seus descendentes, cuja educação era baseada em textos clássicos em grego e latim, fundamentada na escolástica. Em relação aos índios, além de pregar-lhes a doutrina católica e ensinar a língua portuguesa, era necessário aos jesuítas que tivessem o domínio das línguas indígenas. Isto porque a apreensão dessas línguas proporcionava o acesso à cultura dos indígenas, fundamental para o processo de colonização e de catequização. Considerando a necessidade do domínio das línguas nativas, foi produzida nesse contexto a obra que se tornou leitura obrigatória dentro da Ordem, a *Arte Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), escrita por José de Anchieta (1534-1597). Todavia, o ensino público não existia, a rigor, e os negros e pardos não tinham acesso restrito à educação.

A Companhia de Jesus se manteve no Brasil realizando missões até 1759, quando é determinada a sua expulsão pelo Marquês de Pombal (1699-1782), nomeado primeiro-ministro pelo rei de Portugal Dom José I, que governou no período de 1750 a 1777. A perseguição política contra os religiosos acontece por dois motivos. A primeira é em razão do movimento Iluminista – que tinha o racionalismo, a confiança no progresso e a igualdade jurídica como princípios e que acreditava ser a educação um dos principais mecanismos para a transformação da sociedade – que disseminava-se na Europa. Combatendo o Antigo Regime – nome para designar a sociedade anterior a capitalista, na qual as decisões sobre os rumos desta cabiam ao clero e a nobreza – os iluministas negavam a sociedade de ordens e lutavam por diversas reformas (dentre essas, a do ensino), que conseqüentemente afetariam as colônias dos países europeus, como foi o caso do Brasil (COSTA e MENEZES, 2005). O segundo

motivo é o atentado contra D. José I, no ano de 1758, no qual os jesuítas foram considerados parte de um complô contra a vida do rei. Após o ocorrido, os padres da ordem foram expulsos tanto do reino de Portugal quanto da colônia e seus bens confiscados. Os jesuítas retornam ao Brasil e retomam suas atividades apenas em 1842, oitenta e dois anos após sua expulsão dos domínios portugueses.

Importantes aspectos biográficos e bibliográficos do padre Alexandre de Gusmão

O Padre jesuíta Alexandre de Gusmão, nasceu em Lisboa no dia quatorze de agosto 1629, e faleceu no dia quinze de março 1724, na Bahia, aos noventa e cinco anos. Proveniente da pequena nobreza, veio com a família ao Brasil em 1644, com então quinze anos. Estudou no colégio dos jesuítas no Rio de Janeiro e, em vinte e sete de outubro de 1646, ingressou na Companhia de Jesus, onde estudou humanidades, retórica e teologia, porém foi um intelectual que não teve sua formação concluída na sociedade metropolitana. Atuou como mestre no Rio de Janeiro e reitor do Colégio Jesuítico do Espírito Santo e da Bahia, onde foi por duas vezes provincial (1684 a 1688 e 1694 a 1697), no qual apoiou as missões do sertão. Administrou em São Paulo, índios aldeados, promovendo missões, aonde chegou a ser cativo de piratas. Foi fundador e reitor do Seminário de Belém da Cachoeira (Bahia), que possuía caráter popular, no qual crianças pobres, filhos de moradores do sertão, estudavam, não só as primeiras letras como também tinham acesso a cultura erudita (LEITE, 2004). Estudaram também no Seminário de Belém ilustres homens, tais como Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724) – conhecido como o *Voador*, por ter sido o inventor de uma máquina aérea - e seu irmão Alexandre de Gusmão (1695-1753) – diplomata homônimo e secretário de D. João V - sendo esse último seu afilhado. Existem escritos que afirmam que o jesuíta era irmão de Bartolomeu de Gusmão, porém, os estudos que asseguram que Bartolomeu era de fato irmão do diplomata e que o jesuíta era tio dos irmãos Gusmão, são consideravelmente mais numerosos. Devido a pouca divulgação da obra do Pe. Alexandre de Gusmão, escasso material

sobre sua biografia é encontrado, e aspectos de sua vida confundem-se com a de seu afilhado, todavia esse não é foco da discussão desta pesquisa.

Alexandre de Gusmão se destacou como escritor ascético e a questão educacional sempre esteve presente em sua vida, e está expressa no livro *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* – texto considerado inovador na literatura do Brasil colonial, que desenvolve métodos para a educação das crianças segundo a perspectiva católica. Por seus ideais pedagógicos, tanto as expostas em seus livros como as aplicadas no Seminário de Belém da Cachoeira, é considerado o primeiro e maior pedagogo da colônia portuguesa (RODRIGUES, 2001).

Escreveu, entre livros e sermões, treze obras: *Escola de Belém, Jesus nascido no Presépio* (Évora, 1678), a já mencionada *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* (Lisboa, 1685), livros que deram a origem ao Seminário de Belém da Cachoeira, que ficou na topografia local e na história da pedagogia brasileira, *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (Lisboa, 1682), a primeira novela alegórica escrita no Brasil e que foi traduzida para o castelhano e reeditada até o século XIX, *Sermão na catedral da Bahia de Todos os Santos* (Lisboa, 1686), *Meditação para todos os dias da semana* (Lisboa, 1689), *Meditationes digestae per annum* e *Menino Cristão* (1695), *Rosa de Nasareth, nas montanhas de Hebron* (Lisboa, 1709), *Eleição entre o bem & Mal eterno* (1717), e as publicações póstumas *O corvo e a pomba da Arca de Noé e Árvore da vida* (Lisboa, 1734), *Compendium perfectionis religiosea* (Veneza, 1783) e *Preces recitandae statis temporibus ab alumni Seminarii Bethlemici* (data de publicação incerta, provavelmente em 1783). Com exceção de *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, que possui tradução e foi publicado recentemente no Brasil, os outros escritos se encontram disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa.

A concepção de educação para crianças pequenas na obra de Alexandre de Gusmão

Baseado na idéia defendida por Ariès, o conceito de infância nem sempre existiu. Este vem se modificando ao longo dos anos, conforme as alterações

da organização da sociedade, discussões teóricas e visões de mundo. Essas mudanças são bastante significativas se compararmos a Idade Média à Moderna, porém, notaremos aproximação dos conceitos se fizermos o mesmo com a Idade Média e Contemporânea, já que, segundo estudos científicos e próprios conhecimentos empíricos, o excesso de exposição a informações, estimulações e a ausência de segredos entre crianças e adultos, estão tornando as crianças mais precoces, diminuindo cada vez mais a infância nos dias atuais. Antônio Gomes Ferreira, fazendo uma leitura da obra de Ariès, compara as crianças do século XII com as do século XVII:

Ariès observou que, até ao século XII a criança aparecia representada tal qual um adulto [...] Nos séculos seguintes, as representações do Menino Jesus demonstravam que alguma coisa tendia a mudar na forma como se encarava a infância: pelo menos uma criança era alvo de atenções particulares e merecia figuração específica. Todavia, as crianças que começavam a surgir no século XV, mais não eram ainda que figuras ornamentais e pitorescas que serviam para dar vida a um quadro; só no século XVII a criança parecia ter valor suficiente para ser representada a solo. No entanto, observa ainda Ariès, tal coincidia de modo algum com uma visão mais otimista da infância mas apenas com a idéia transmitida pelos moralistas de uma criatura de Deus fraca e inocente que era preciso simultaneamente preservar e modificar, um ser cujo comportamento devia ser treinado e corrigido. Segundo o investigador francês, ter-se-ia passado de uma sociedade aberta na qual a criança, quando capaz de valer-se a si própria, vivia livre, como um adulto no meio de adultos, a uma sociedade fechada em núcleos familiares que privatizavam e segregavam a infância mediante sistemas educativos que implicavam autoritarismo e regime disciplinar restritivo. Desta forma, se a criança adquiria maior importância nem por isso teria saído mais beneficiada pois, a partir de então, sobre ela se abatia a severidade dos que a educavam. (FERREIRA, 2000, p. 18 e 19).

No Brasil, Alexandre de Gusmão, com sua obra *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, é o pioneiro no estudo da educação para crianças pequenas e sua obra é de extrema importância para a evolução e manutenção do conceito de infância. As visões de Alexandre de Gusmão sobre a educação e sobre a infância expressam a pedagogia jesuítica em seu apogeu. Isso significa dizer que ela representava a hegemonia católica sobre a educação, além da reli-

gião, nos domínios portugueses. Ferreira define a obra de Gusmão:

A concepção pedagógica deste educador jesuíta caracterizava-se fundamentalmente, para além do apego à sobriedade dos princípios da doutrina católica, pela vigilância, pela severidade e pela autoridade: Gusmão (1685, p. 259 -272 e 301 – 324) condenava tudo o que fossem mimos ou cedências às vontades pueris e defendia, convictamente, o recurso à disciplina, à obediência e ao castigo físico moderado. Como dava também grande importância à conduta e ao exemplo dos educadores, pretendia que na escolha do mestre se atendessem, preferencialmente, ao seu comportamento social e moral. (FERREIRA, 1988, p. 270).

Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia, publicada pela editora Martins Fontes em 2004, possui apresentação, cronologia e notas feitas pelos organizadores do livro, Renato Pinto Venâncio e Jânia Martins Ramos e divide-se inicialmente em: dedicatória *Ao menino de Belém JESUS Nazareno*, *Prólogo ao leitor e Licenças*. Em um segundo momento, o livro é desenvolvido em duas partes. A Parte I, subdivide-se em dezenove capítulos, intitulados respectivamente: *Da importância da boa criação dos meninos; Explica-se a importância desta criação dos meninos com algumas semelhanças aos pais; Da utilidade da boa criação dos filhos enquanto meninos; De quanta utilidade seja para os pais a boa criação dos filhos; De quanta utilidade é para toda a república a boa criação dos meninos; Da obrigação que têm os pais de criar bem os filhos na idade de meninos; Quão severamente castiga Deus nesta vida os pais negligentes na boa criação dos filhos; Quão severamente castiga Deus na outra vida os pais negligentes na boa criação dos filhos; Quanto se agrada Deus dos pais que sabem criar bem seus filhos; Quais estejam mais obrigados à criação dos meninos, os pais ou as mães; Da obrigação dos tutores aios e mestres de meninos; Dos pais que enjeitam os filhos pelos não criar; Da crueldade dos pais que matamos filhos pelos não criar ou por outros respeitos humanos; Da boa criação dos meninos enjeitados; Da boa criação dos meninos órfãos; Do cuidado que devem ter os pais dos meninos defuntos; Como se hão de haver os pais com os filhos e má condição; Que naquilo em que os pais puseram os filhos na puerícia ficarão toda vida e, finalmente,*

Do cuidado que os antigos tiveram da boa criação do meninos.

A segunda parte do livro, intitulada de *Como hão de haver os pais na criação dos meninos*, é disposta em vinte e cinco capítulos. Estes são: *De quanta importância é oferecer a Deus a criança logo em nascendo; Como se hão de haver os pais com os filhos na primeira idade de infantes; De quanta importância é para a boa criação dos meninos serem criados aos peitos de suas próprias mães; Que coisas principalmente devem prevenir os pais aos meninos tanto que chegam aos anos da descrição; Do temor de Deus e ódio ao pecado em que se devem criar os filhos desde a puerícia; Do amor da castidade e horror a toda torpeza com que se devem criar os meninos; Dos pais que permitem ou dissimulam aos filhos coisas desonestas; De outros vícios próprios dos meninos, de que os devem afastar os pais; Quanto importa para a boa criação dos meninos o bom exemplo dos pais; Da boa companhia dos meninos; Que se não devem criar os meninos à vontade; Quanto dano causa criar os meninos com mimo; De quanta importância é criar os meninos em piedade e devoção; De quanta importância é criar os meninos na devoção da Virgem Maria, Nossa Senhora; Da boa eleição do mestre dos meninos; Do respeito e obediência a seus mestres, aios e tutores em que se hão de criar os meninos; Quanto importa castigar os meninos quando erram; Que não devem ser demasiadamente severos os pais nos castigos dos meninos; Que não hão de amaldiçoar nem praguejar os filhos, mas encomendá-los a Deus e a Virgem Nossa Senhora; Qual deve ser o amor dos pais na criação dos meninos; Como devem os pais inclinar os filhos na pueadolescência; De quanta importância é inclinar os filhos ao estado religioso logo de sua puerícia; Se convém que os filhos tomem o estado religioso na idade da puerícia?; Dos jogos e brincos dos meninos e, finalizando, *Do especial cuidado que se deve ter na criação das meninas.**

Em todo o livro o autor recorre a grandes filósofos, a Bíblia e a histórias populares para dar embasamento à sua obra e reforçar seus conselhos. Ao observar todos os títulos dos capítulos do livro, pode-se ter uma nítida noção dos conteúdos sobre os temas

abordados nos mesmos, tendo em vista que Gusmão expõe de maneira clara todos os seus pressupostos para a boa educação sugeridos no decorrer da obra, seguindo uma linha de raciocínio coerente e de fácil compreensão. Sobre o objetivo da sua obra, Alexandre de Gusmão justifica:

É tão próprio da Companhia de Jesus atender à boa instituição dos meninos nos primeiros anos de sua puerícia, que faz disso especial menção na forma de sua profissão; porque sendo seu instituto ensinar as boas artes e inculcar os bons costumes a todos, para maior glória de Deus e bem das almas neste particular de instituir os meninos, quis seu fundador, iluminado pelo Espírito Santo, que houvesse na Companhia especial obrigação. Por esta causa, ocupando-se a Companhia em ensinar aos mancebos as ciências maiores, não somente em escolas públicas, mas em doutíssimos comentários com que cada dia sai a luz; com o mesmo cuidado se ocupa em ensinar aos meninos os primeiros princípios e as primeiras ações dos bons costumes, com que se colhe o fruto, que a todo mundo é manifesto. Sendo, pois, esta a obrigação da Companhia, fica clara a razão por que resolvi fazer este tratado, que intitulo *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*. Para que os pais de famílias saibam a obrigação que têm de os criar e saibam também como o hão de fazer com acerto. (ALEXANDRE DE GUSMÃO, 2004, p. 5).

A parte I do livro discorre, principalmente sobre a importância da boa criação dos meninos, da utilidade dessa educação e da obrigatoriedade dos pais e preceptores de darem uma boa criação aos infantes, expondo claramente todas as terríveis conseqüências e maldições decorrentes da má-criação, que prejudica todos os responsáveis pela educação da criança, inclusive ela própria. No segundo capítulo da primeira parte do livro, o autor cita vários exemplos sagrados que destacam como é importante implantar nas crianças virtudes e não vícios. No terceiro capítulo, cita Santo Agostinho e a Patrística, recorre a ensinamentos do Espírito Santo, mostrando a utilidade da boa criação e que seu destino final é a paz de espírito e a consistência no caminho de Deus e seus mandamentos.

Nos capítulos seguintes, Gusmão cita exemplo da boa educação que Aristóteles deu quando era preceptor de Alexandre, o macedônio. Diz que o filho sábio aproveita a boa criação. Explica que filhos bem criados sabem melhor criar seus próprios filhos quan-

do os têm. Destaca também a importância da boa educação e da boa criação das crianças para a sociedade, cita Atenas como exemplo, que se reergueu graças à boa educação transmitida. Faz referência a outros diversos exemplos da ruína de sociedades onde houveram descaso com a educação das crianças. Fala sobre a importância da constante vigilância dos pais sobre os filhos, citando São Tomás de Aquino e o livro de Êxodos. Lembra também sobre como maus cuidados durante a puerícia, caem sobre os pais quando as crianças entram na adolescência.

Alexandre de Gusmão compara as crianças com tábuas rasas, nas quais estariam o que os pais desejassem, se tornando assim, pessoas boas ou más:

Um político disse que eram os ânimos dos meninos como uma tabula rasa que um insigne pintor tem aparelhada para pintar nela qualquer imagem, o que nela quiser pintar isto representará, se anjo, anjo; se demônio, demônio representará. E assim como sair bem, ou mal pintado, o quadro depende das primeiras linhas que nele o pintor lançou: assim o sair bem, ou mal criado, o filho depende dos primeiros ditames que nele, como em tábua rasa, debuxou o pai enquanto menino. [...] O mesmo sucede nos ânimos pueris, que, como tábuas rasas, estão dispostos para se formarem neles quaisquer imagens; conforme for a primeira doutrina, conforme a primeira educação que deres a vossos filhos, podereis conhecer o que hão de vir a ser; serão bons filhos, se forem bem criados na puerícia; e maus, se forem mal formados no princípio; porque, assim como sair bem ou mal pintado o painel depende do primeiro debuxo que nele lançou a mão do oficial; assim se sair bem ou mal criado o filho depende da primeira criação que seu pai lhe deu. (ALEXANDRE DE GUSMÃO, 2004, p. 13, 14, e 15).

Já a Parte II do livro - *Como hão de haver os pais na criação dos meninos* – Alexandre de Gusmão sugere conselhos práticos aos pais, mostrando de quanta importância é, para o autor, oferecer à criança a Deus, sendo guiados sobre seus ensinamentos, a fim de tornarem pessoas justas, dignas e temerosas, especifica o papel da mãe e do pai na criação dos filhos. A segunda parte também discute sobre quais virtudes devem ser estimuladas nas crianças, bem como quais vícios devem ser evitados, sobre o papel da religião e dos jogos nas vidas dos meninos e, por último, faz uma análise do especial cuidado que se deve ter na criação das meninas:

Do qual consta que não é só conveniente mas mui louvável ensinar as boas artes às filhas desde meninas; ao menos o ler e escrever devem aprender todas, e, as que se criam para religiosas devem aprender alguns princípios da língua latina; porque é isto não só o conforme ao uso das nações mais políticas e repúblicas bem ordenadas, mas também é conforme ao que São Jerônimo ensinou nas Epístolas, que escreveu a Leta, Santa Paula e a outra grandes mães de famílias. (ALEXANDRE DE GUSMÃO, 2004, p. 296).

A respeito da parte do livro em que Alexandre de Gusmão relata sobre os cuidados para a educação destinada as meninas, António Gomes Ferreira afirma:

Nas últimas páginas da *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, destinadas a dar algumas recomendações sobre a educação das crianças do sexo feminino, Alexandre de Gusmão (1685, p. 377- 386) deixa-nos perplexos: se, por um lado, insistia na tradicional idéia do austero recolhimento doméstico, desde a infância, por outro, achava conveniente e louvável que as meninas, tal como os rapazes, usufruíssem do ensino da artes liberais ou, pelo menos, da aprendizagem da leitura e da escrita. Dois anos mais tarde, um outro clérigo, num outro país, abordaria o tema com outra desenvoltura. (FERREIRA, 1988, p. 271).

Lembrando que, no século XVII houve uma grande valorização da infância. Isto porque, com as reformas religiosas, a criança era tida como salvação da humanidade, portanto, preservando e consertando-a seria possível mudar o rumo da humanidade. Este fato torna o livro de Gusmão ainda mais necessário como objeto de estudo, ratificando sua importância no cenário da educação infantil.

Tendo em vista que, como citado anteriormente, a metodologia pedagógica dos pelos jesuítas era sistematizada pelas regras contidas na *Ratio Studiorum*, podemos notar sua interferência no modo como Gusmão desenvolve seu texto e conselhos, na base da repetição, no qual os ensinamentos são passados e retomados diversas vezes, seguidos por exemplos e histórias e que os ratificam, em como a disciplina rígida é colocada como condição para a boa criação e educação e, a visão da educação como meio para “levar o homem ao conhecimento e à condição deste magnífico destino é, a um tempo, salvar o homem e glorificar a Deus” (FRANCA, 1952, p. 78).

Considerações finais

A obra de Alexandre de Gusmão *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* é um tratado sobre a educação do século XVII, no qual pode-se analisar a concepção de educação católica no Brasil-colônia e como esta era aplicada. Lembrando que este conceito educação não implica somente ao conteúdo escolar, mas também ao convívio social, abrangendo regras de etiqueta e comportamentos ditos socialmente aceitáveis para a época, característica típica do período em que a sociedade européia transita da Idade Média à Modernidade. Estabelecendo regras de comportamento, linguagem e outros códigos sociais, a burguesia, que assumia um papel importante e dava início a uma nova estruturação de sociedade, ia fomentando cada vez mais sua distinção com as demais camadas sociais, perpetrando este sistema educativo uma marca a compor a sociedade civil, publicando cada vez mais livros sobre a boa convivência, boas maneiras e educação. Portanto percebe-se que, no século XVII, a linguagem da sociedade da corte era diferente da utilizada pela burguesia. Desta forma, essas regras eram cada vez mais disseminadas, fixadas e padronizadas, pois a burguesia acreditava que, para superar o Antigo Regime, era necessário vencer a ignorância, por intermédio da difusão da instrução, instaurando então o princípio de educação para todos. Embora passando por crises, Reforma e Contra Reforma, as diversas concepções pedagógicas do século XVII e os processos educativos diferentes para cada camada social, demonstram que a educação estaria se tornando mais racional, sendo utilizada como instrumento do Estado, para moldar uma nação da maneira que for mais conveniente.

Sobre a importância histórica da obra do padre jesuíta Alexandre de Gusmão, fato indiscutível é que para se entender a concepção educação no Brasil, temos antes entender a história da Companhia de Jesus e seu método de ensino, e, se tratando de educação infantil, Gusmão, apesar de pouco estudado, tanto que, existe pouco material a seu respeito disponível e suas obras são raras, se mostra um dos autores mais importantes sobre a área. Por ser uma composição organizada no final do século XVII, a *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* é de certa forma, o

ápice do projeto da Contra Reforma no que se diz respeito à educação infantil e propagação do catolicismo, propondo também uma reforma familiar, e, através desse livro, pode-se ter a noção da implantação da religião cristã numa sociedade pagã e escravocrata.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE DE GUSMÃO. **A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Trad: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- ARNAUT DE TOLEDO, Cézár de Alencar Arnaud de. A questão da educação na obra de Martinho Lutero. **Acta Scientiarum**, Maringá, V. 21, n. 1, p. 129 – 135, 1999.
- ARNAUT DE TOLEDO, Cézár de Alencar Arnaud de. Razão de estudos e razão política: um estudo sobre a *Ratio Studiorum*. **Acta Scientiarum**. Maringá, V. 22, n. 1, p. 181 – 187, 2000.
- ARNAUT DE TOLEDO, Cézár de Alencar Arnaud de. Sobre o *Enchiridion militis christiani*, de Erasmo de Roterdão. **Acta Scientiarum**. Maringá, V. 26, n. 1, p. 95-101, 2004.
- ARNAUT DE TOLEDO, Cézár de Alencar Arnaud de; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. A filosofia educacional dos jesuítas nas *Cartas* do Pe. José de Ancheita. **Acta Scientiarum**. Maringá, V. 25, n. 2, p. 257 – 265, 2003.
- BRESCIANI, Carlos (org.). **Companhia de Jesus: 450 anos a serviço do povo brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1999.
- CARDOSO, A. Introdução e notas. In: JOSÉ DE ANCHIETA. **Obras Completas de José de Anchieta**. 3º volume. São Paulo: Loyola, 1977.
- COSTA, Célio Juvenal; MENEZES, Sezinando Luiz. A educação no Brasil colonial (1549 – 1759). In: ROSSI, Ednéia Regina; RODRIGUES, Elaine; NEVES, Fátima Maria (orgs). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2005. p. 29 – 43.
- DEL PRIORE, Mary (org). **História das Crianças no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ERASMO DE ROTTERDAM. **De Pueris (Dos Meninos) – A Cividade Pueril**. São Paulo: Escala, s.d.
- FERREIRA, António Gomes. **Gerar, Criar, Educar – A criança no Portugal do Antigo Regime**. Coimbra: Quarteto, 2000.
- FERREIRA, António Gomes. Três propostas pedagógicas de finais de Seiscentos: Gusmão, Fénelon e Locke. In: **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Ano XXII. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1988. p. 265 – 292.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas – O “Ratio Studiorum”**: Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Agir, 1952. .

FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR, Moysés (orgs). **Os Intelectuais da História da Infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

LEITE, Serafim. **A História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo IV – VI. São Paulo: Loyola, 2004.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. Vol. 1. 2 ed. Porto alegre/ São Leopoldo: Concórdia/Sinodal. 2000.

PAIVA, José Maria de. **O método pedagógico jesuítico (uma análise do Ratio Studiorum)**. Viçosa: Oficinas Gráficas da Imprensa Universitária da Universidade Federal de Viçosa, 1981.

O’MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo/ Bauru: Unisinos/EDUSC, 2004.

RODRIGUES, L. Gusmão (Gusmán), Alexandre de. In: O’NEILL, Charles E; DOMÍNGUEZ, Joaquim M. (org). **Diccionario Histórico de La Compañia de Jesús: Bibliográfico – temático**. Vol. II. Roma/ Madrid: Institutum Historicum Societatis Iesu/ Universidad Pontificia Comillas 2001. p. 1851.